

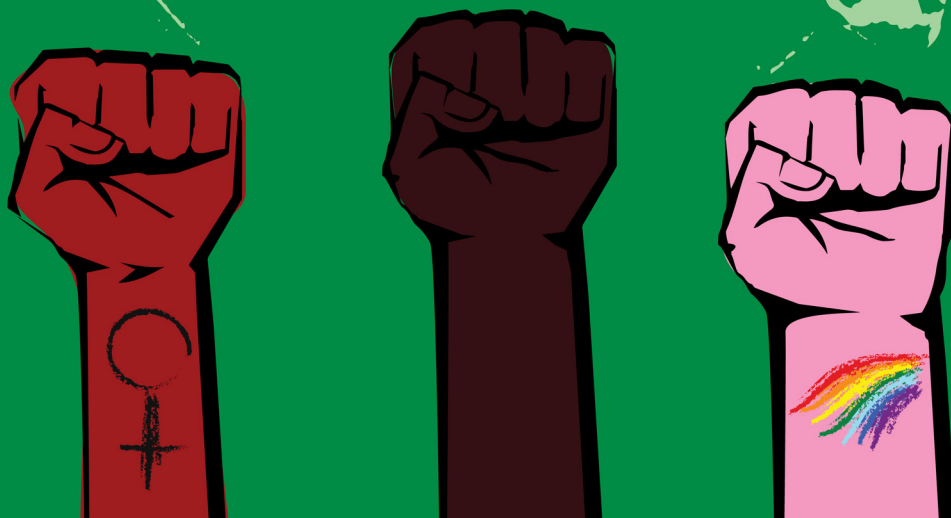


PROGRAD
Ano 7 - Número 4 - Junho de 2017

JG

Jornal da Graduação

A LUTA CONTRA A INTOLERÂNCIA DENTRO NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO



Segunda chance: alunos da Rural dedicam seu tempo para cuidar dos animais abandonados no Câmpus

(p. 03)

Coletivo de alunos com necessidades específicas busca maior inclusão e acessibilidade na Rural

(p. 09)

PET Inclusão realiza ações conjuntas entre a UFRRJ e o entorno dela

(p. 10)

UFRRJ REALIZA MATRÍCULA DOS APROVADOS NO SISU 2017-2

► Por **Letícia Noda**

Os dias da matrícula dos aprovados na Chamada Regular do SISU 2017-2 foi marcado por entusiasmo e grandes expectativas. No próximo período, a UFRRJ receberá 1555 ingressantes de 39 cursos. Os selecionados compareceram aos câmpus Seropédica e Nova Iguaçu nos dias 09, 12 e 13 de junho para realizarem suas matrículas.

A aprovação em uma universidade é um momento único, que marca o início de uma fase e traz consigo muito amadurecimento pessoal, responsabilidades, além do conhecimento acadêmico. Filipe Trindade tem 18 anos e vai cursar Letras na Rural. Ele tentou fazer Economia em outra instituição, porém não se identificou com a área.

“Eu prestei Letras na Rural em 2017-1, mas acabei escolhendo minha segunda opção que era Economia na Unirio. Como não me identifiquei com o curso, percebi que queria mesmo Letras, prestei novamente e decidi vir. Eu estou muito feliz em cursar algo que eu goste”, afirma.

Já Kayo Fábio, de 18 anos, foi aprovado em Ciências Econômicas e embora seu sonho seja cursar Engenharia Mecânica, ele conta que veio para a UFRRJ por influências de amigos: “Eu tenho alguns amigos que estudam na Rural e foram eles que me convenceram a vir pra cá, mas pretendo continuar tentando entrar em Engenharia Mecânica”.

Os aprovados se mostraram muito eufóricos com a conquista e afirmam que ainda não conseguem acreditar que estão entrando em uma universidade federal. É o caso de Júlia Silva, de 19 anos. Ela reside no município de Paracambi e passou para Ciências Agrícolas:

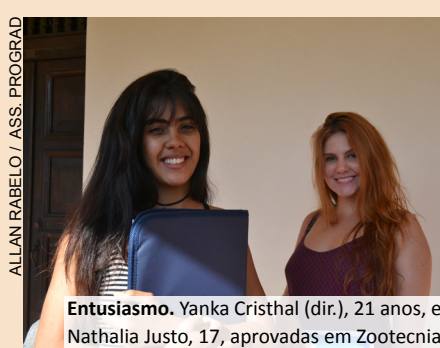
“Sinto que a ficha ainda não caiu. A minha irmã estuda Letras, então eu já havia passado por aqui, mas só de noite e é completamente diferente durante o dia. Eu estou muito animada para começar.”



Em equipe. Servidores da Prograd se unem para matricular calouros



Expectativa. Kayo Fábio foi aprovado para o curso de Ciências Econômicas



Entusiasmo. Yanka Cristhal (dir.), 21 anos, e Nathalia Justo, 17, aprovadas em Zootecnia

EXPEDIENTE:

Pró-Reitor de Graduação: Joecildo Francisco Rocha / **Pró-Reitora Adjunta de Graduação:** Waleska Giannini Pereira da Silva / **Jornalista Responsável:** Kleber Costa / **Web Designer:** Vitor Apolinário / **Estagiários da Assessoria de Comunicação da Prograd:** Allan Rabelo, Fellipe Sousa, Gabriela Maia, Letícia Noda e Wallerya Rosa / **Design Gráfico e Diagramação:** Kleber Costa e Wallerya Rosa / **Arte de Capa:** Wallerya Rosa.

Rodovia BR 465 (Antiga Rodovia Rio-São Paulo), Km 7, Sala 94 do Pavilhão Central da UFRRJ Seropédica/RJ – 23897-000. Telefones para contato: (21) 2682-1112 / (21) 2682-2911 / (21) 2681-4700

E-mail: assessoriaiprograd@ufrj.br / Twitter: @prograd_UFRRJ / Facebook: [facebook.com/PROGRAD.UFRRJ](https://www.facebook.com/PROGRAD.UFRRJ)

RURALINOS DEDICAM O SEU TEMPO NO CUIDADO AOS ANIMAIS ABANDONADOS

Dentro do Câmpus, diversos cachorros e gatos sofrem com o abandono e maus-tratos



Empatia. Melissa Rodrigues dedica parte de seu tempo cuidando dos animais do Câmpus

► Por **Gabriela Maia**

A relação do homem com os animais de estimação, como gatos e cachorros, existe há mais de 15 mil anos. É o que afirma a Scientific American Brasil. Por serem seres desprovidos de maldade e por preencherem as necessidades físicas e emocionais dos humanos, cães e gatos têm encontrado novos lares gradativamente. Quem tem um animalzinho em casa afirma que eles tornam o ambiente mais alegre e fazem qualquer um rir com as suas travessuras. Além disso, são fofos e inteligentes. Apesar de todos os pontos positivos em se ter animais de estimação dentro dos nossos lares, muitos problemas surgem com a criação deles em casa.

Os cães são os melhores amigos do homem. Mas e quando o ser humano não reconhece este fato e os tratam com desprezo e descuido? Não se pode generalizar o amor entre os humanos e os animais, mas os maus-tratos contra gatos e cachorros ainda é uma realidade alarmante na sociedade em que vivemos.

Como todo ser vivo, os *pets* precisam de cuidados necessários para que possam continuar enchendo os lares de alegria. Eles dão trabalho, geram gastos e por vezes acabam que-

brando algo. Para tê-los em casa, é preciso ter tempo, disposição e uma boa ração. E sim, eles fazem xixi em lugares inusitados, o que demanda maior preparo e cuidados. Gatos e cachorros ficam doentes como nós e por isso, é preciso levá-los ao veterinário de vez em quando e nem sempre as consultas são baratas.

Por estes e outros motivos, muitos cães e gatos, mesmo sendo dóceis, acabam sendo abandonados por pessoas que não possuem estrutura física ou psicológica necessária para mantê-los. Ou ainda por arrependimento da decisão de ter um pet. E o problema maior surge daí: o abandono e os maus-tratos.

O Brasil não tem leis efetivas para defender os animais, principalmente de maus-tratos, o que já existe em outros países. Enquanto o exemplo não é seguido, cabe às pessoas tentarem minimizar o abandono, mesmo que seja de maneira improvisada. Algumas pessoas tiram do próprio bolso para alimentar e dar assistência médica com a ajuda de outros e isso se espalha pelos mais diversos ambientes.

Fazendo uma caminhada pela Rural, é possível ver a quantidade de cachorros que circulam pra lá e pra cá, muitas vezes sem suporte qualquer, machucados e famintos. É possível ver dezenas de animais vagando pelos câmpus, em sua maioria, gatos e cachorros que são abandonados dentro da Universidade sem qualquer tipo de cuidado e precaução.

Nos grupos do Facebook de alunos da Rural o que mais existe são posts de conscientização à respeito dos animais que se encontram em situação de risco. Muitos deles estão machucados e o apelo à ajuda de outros estudantes para a compra ou adoção de remédios e cuidados médicos são feitos diariamente.

Muitos alunos, principalmente do curso de Medicina Veterinária, dedicam boa parte de seu tempo cuidando dos bichinhos abandonados no Câmpus Seropédica. Na maioria das vezes, eles obtêm resultados positivos no tratamento de doenças e no combate à fome dos animais.

A mestranda em Zootecnia Camila Ferreira dedica boa



Proteção. Madona, como é chamada, recebe o carinho dos alunos no Câmpus

parte do seu tempo ao cuidado com os animais. Ela relata quais são as dificuldades que ela enfrenta no dia a dia:

“Eu em específico sou apaixonada por animais e acho que todos eles deveriam ter uma vida decente. Na verdade, sou adotada por eles e cuido como posso para livrá-los de sofrimentos de qualquer parte. A realidade é razoavelmente boa, pois muitas pessoas se compadecem, tratam os doentes, alimentam, vermifugam e castram os sadios. A alimentação não é o que se espera para cães e gatos em nível de excelência, mas em vista de passar fome estão em um patamar acima.”

Já a estudante de Medicina Veterinária Melissa Rodrigues explica o que a motiva a cuidar dos animais abandonados:

“A realidade dos animais abandonados no câmpus é bem ruim, pois o abandono é frequente, e muitos não conseguem competir por alimento, apanham dos outros animais que já vivem por aqui há mais tempo, ou acabam adoecendo. Geralmente contraem doenças infecciosas e acabam morrendo. Sem falar que estão sujeitos a sofrer atos de maus-tratos. O que me motiva é ter empatia por eles. Os animais abandonados aqui não têm culpa disso. Mas é um gesto desgastante e muitas vezes inviável, por questões financeiras, de espaço e de tempo disponível.”

Ela também afirma que recebe doações de terceiros e isso ajuda bastante no tratamento dos animais no Câmpus.

“Não há ações de conscientização da população sobre a guarda responsável, não há nada na universidade que coíba o abandono (como placas ou câmeras). Os comunitários castrados que aqui vivem só foram castrados graças a ações pontuais”, diz a estudante. “Existe o projeto S.O.S Animal, que é de extensão, mas até onde sei, ele não dá conta da demanda e sempre está lotado e precisando de ajuda, seja financeira, seja de pessoal pra desenvolver as ações, ou pra encaminhar os animais para adoção. É necessário haver integração entre

esse projeto, a Veterinária, o Hospital Veterinário, os outros cursos e a comunidade no geral. É um problema que para ser combatido precisa de várias ações integradas.”

Combater o problema é fundamental. Mais importante ainda é não deixar que ele aconteça. Ter consciência de que são vidas em risco é essencial para mudar este quadro preocupante.

O Projeto S.O.S. Animal incentiva a ajuda aos animais e também luta contra o abandono deles no Câmpus. O projeto, de extensão, tem como coordenadora a professora Rosana Colatino. O S.O.S. Animal tem o objetivo de resgatar e encaminhar a adoção responsável os animais abandonados no Câmpus Seropédica da Rural e conta com a colaboração de todos para lutar contra o abandono de animais. ■



Esperança. Animais aguardam por um novo lar

GABRIELA MAIA / ASS. COM. PROGRAM



A IMPORTÂNCIA DO DIRETÓRIO CENTRAL DE ESTUDANTES

► Por Fellipe Sousa

Quem frequenta a Praça da Alegria, o Bandeirão, a Sala de Estudos e o hall do Alojamento Masculino no Câmpus Seropédica já deve ter se deparado com a faixa do Diretório Central dos Estudantes (DCE).

O DCE é o coletivo representante dos estudantes nas universidades. É um espaço sujeito a disputas democráticas no campo dos interesses do seguimento estudantil. Ele tem como função se apro-

priar das pautas dos discentes a fim de apresentar propostas de ação para minimizar os problemas na tentativa de resolvê-los para a melhoria da vida acadêmica dos alunos. Sua atuação é direta com a vida dos estudantes em termos de política educacional e nacional.

Também é dever do DCE fazer assembleias – espaço onde todos os estudantes podem fazer sugestões e votar em propostas – para dar repasses sobre as situações das demandas, receber novas pautas que sejam pertinentes e organizar e mobilizar os estudantes para compor os atos unitários nacional e regionalmente. Além disso, o Diretório Central dos Estudantes pode e deve entrar em diálogo com outras instâncias da universidade. O DCE se usufrui dessas possibilidades para pleitear conquistas para o movimento estudantil.

Como instituição, o DCE funciona recebendo as pautas através dos Centros Acadêmicos (CA) e Diretórios Acadêmicos (DA) de cada curso de graduação. Os CAs e DAs têm a função de levar os repasses do seu curso para que sejam analisados como um todo para a Comunidade Acadêmica por meio do Conselho, uma instância deliberativa do movimento estudantil onde todos os CAs, DAs e Grupos Organizados têm direito a voto. Qualquer problema que esteja interferindo os estudantes do curso, seja estrutural ou acadêmico, deve ser repassado aos CAs e DAs até que chegue ao DCE.

Recentemente ocorreram as eleições para o DCE, depois de um período de dois anos sem representação discente a nível institucional. Em 2015, a UFRRJ ficou sem DCE e sem processo eleitoral. Já em 2016, aconteceram dois processos eleitorais: no primeiro não se elegeu nenhuma chapa por conta da impugnação das eleições depois de não ter atingido o quórum de 20% dos estudantes, e no segundo a chapa única retirou a inscrição.

Para o processo eleitoral acontecer, os alunos interessados formam uma comissão eleitoral que é responsável por criar um edital, de acordo com o estatuto do DCE. Para as chapas se inscreverem, além de ser necessário que elas tenham estudantes dos câmpus de Nova Iguaçu e Três Rios, elas necessitam estar aptas para concorrer as eleições, atendendo todas as exi-

FELIPE SOUSA / ASS. COM. PROGRAM



Representação. O DCE é uma das vozes do corpo estudantil nas universidades

gências do edital. Após essa etapa, as chapas devidamente inscritas participam de debates e campanhas eleitorais pelos três câmpus da Rural.

Para as eleições se tornarem possíveis, a comissão eleitoral procura alunos voluntários para compor a equipe de mesários. Juntos, eles delimitam a distância em que as chapas podem fazer campanhas próximas às urnas. Esse processo de votação dura três dias. A contagem de cédulas é feita pela comissão eleitoral juntamente aos mesários.

A estudante de Jornalismo Pâmela Machado participou da última comissão eleitoral e nos fala um pouco do processo de eleição:

“Depois de recebermos todos os documentos, a gente diz se as chapas estão aptas a concorrerem ao DCE, damos um número a cada uma delas e então começa o processo de campanha. Com isso vem os debates que acontecem em todos os câmpus. Nas eleições, garantimos mesários para todas as urnas, são eles que de fato fazem a eleição acontecer.”

Para algumas pessoas, ter o DCE como representante dos estudantes é extremamente importante. Thaís Xavier, que já participou de duas gestões do DCE, como apoiadora e como coordenadora geral, fala sobre o movimento estudantil que enfraqueceu com os últimos dois anos na UFRRJ:

“É muito difícil se propor a pautar questões do interesse geral quando existe na sociedade um fluxo grande em relação à participação dos indivíduos nos espaços políticos. A expectativa é que os estudantes se incorporassem às lutas, ao DCE, mas a realidade é que existia um distanciamento muito grande entre a política em si e as pessoas”.

Ela também afirma que é importante que tenha um DCE forte, que lute e mobilize os estudantes para ocupar as ruas, barrar as reformas e reivindicar as pautas e os direitos enquanto estudantes e seres sociais. ■

A INTOLERÂNCIA NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO

Espaço que deveria dar sensação de liberdade aos estudantes é também local de opressão



Vida. Estudantes do movimento "Me Avisa Quando Chegar" lutam pelas mulheres da UFRRJ

► Por Allan Rabelo e Gabriela Maia

A intolerância está presente em todos os lugares. Mesmo quando se pensa que há segurança ou aceitação, é provado o contrário. Pode-se observar em diversas esferas da sociedade a repressão às minorias, sejam tais violências praticadas verbal ou fisicamente. Essa situação não foge à realidade das universidades brasileiras. De acordo com uma pesquisa realizada em 2015 pelo Instituto Avon, em parceria com o Data Popular, 42% das universitárias brasileiras já sentiram medo de sofrer algum tipo de violência no ambiente acadêmico e 36% já deixaram de fazer alguma atividade por causa desse medo, citando como exemplo.

O discurso de ódio é um fator alarmante da sociedade contemporânea. O fácil acesso à internet promove a sensação de impunidade e liberdade para se expressar, já que muitas das vezes, não existe punição ao agressor virtual e isso se reflete no mundo real. Essa facilidade de expressão e disseminação do discurso de ódio promove nos mais diversos ambientes a sensação de que a sociedade está cada vez mais intolerante e preconceituosa.

A sociedade moderna é hedonista, privilegia o sucesso, a beleza, o poder material que acabaram por transferir à sociedade o desejo em obter valores éticos e morais, mesmo que sejam em circunstâncias aparentes. Esse desejo faz com que muitas pessoas busquem alcançar seus objetivos traduzindo o seu modo de ver e viver o mundo sendo intolerantes.

A transformação na maneira de se relacionar foram mudando ao longo do tempo, e no ambiente universitário isso não foi diferente. Dentro de cada debate proposto pelos mais diversos cursos, o diálogo sempre é promovido para que haja um conhecimento prévio sobre o desconhecido, passando por uma aceitação e a disseminação do respeito ao próximo. E o ambiente

acadêmico é um ótimo lugar para isso.

Em um espaço reservado à busca do conhecimento, os centros acadêmicos de estudo e profissionalização surgiram no âmbito da Igreja Católica, em meados do século 11. Tal local destinado à aprendizagem reproduziu o modelo urbano atual: um espaço do saber, com menos movimento nas bibliotecas e mais movimentos nas praças de alimentação com fast food e wifi grátis. Tudo para um melhor relacionamento com o mundo capitalista. Esse novo modelo, com menos interação social tornou-se vítima de um sério problema do mundo contemporâneo: a intolerância e violência em seus mais variados modos.

Na mesma universidade onde se luta contra os conflitos produzidos dentro dela, existem casos de diferentes tipos de intolerância, que vão desde a orientação sexual de alguns alunos, até a intolerância contra os mais pobres, mulheres, negros e os que não sejam considerados como o padrão social da maioria.

O Ministério da Educação (MEC), em parceria com o Ministério da Justiça e Cidadania, lançou, em 2016, o Pacto Nacional Universitário, a fim de promover respeito à diversidade. Apesar de a proposta ser a inserção da ideia de direitos humanos e a propagação do respeito, o preconceito e a

discriminação ainda são elementos fortes no cenário de universidades.

A aula magna do curso de Jornalismo sobre direitos humanos e minorias desse ano trouxe à tona a questão da intolerância depois do convidado, o deputado federal Jean Wyllys, sofrer com comentários homofóbicos e racistas em publicações de divulgação do evento nas redes sociais.

Jean é o único parlamentar assumidamente homossexual no Congresso Nacional. Para ele, o que acontece no espaço acadêmico está ligado à ascensão de alguns movimentos que disseminam o ódio, que reagem à visibilidade conquistada pelas minorias.

"Estamos vivendo um momento em que a intolerância tem crescido e que grupos extremos têm buscado disputar a universidade. Não é que essas pessoas não existiam, elas estavam aí, mas agiam nos subterrâneos. Não havia ambiente político para elas expressarem a sua agenda. Mas, uma vez que esses grupos estão empoderados, a passagem do discurso de ódio para os atos de ódio é muito curta", afirma Jean.

Em entrevista ao portal Géledes, a pesquisadora Giselle Santos ressalta que os inícios de período são momentos que merecem atenção especial, por ser quando muitos casos de violência de gênero acontecem:

"Os trotes e festas são os que acumulam mais relatos de violência contra a mulher no ambiente acadêmico. A relação hierárquica que muitas vezes acontece opera de modo perverso, necessita atenção redobrada."



Igualdade. Karen é ativista pelos direitos LGBTs e das mulheres negras



Empoderamento. Movimento ganha força a cada ato e busca acabar com os casos de violência contra as mulheres

Karen Merilyn é estudante do curso de Jornalismo e membro do Grupo Pontes, um dos coletivos LGBTQTT da UFRRJ. Ela diz que a intolerância é manifestada o tempo inteiro dentro do câmpus, por alunos, técnicos e até professores.

"Assim que eu entrei na Universidade eu dei um selinho na minha namorada ali perto do Lago do IA e um guarda apareceu dizendo que ali frequentava família e que não era pra gente fazer aquilo, quando todo mundo já viu um monte de casais héteros se beijando loucamente ali e ninguém fala nada", disse a jovem.

A aluna acredita que falta entendimento das pessoas em levar tudo como uma "brincadeira", uma vez que não tem graça zombar da sexualidade de alguém, nem da forma como a pessoa se veste ou se comporta. Karen fala também sobre a impunidade nesses casos.

"Eu acho que o principal problema é que não há uma punição pra esses agressores, todo mundo sabe que há muitos casos de homofobia no alojamento, por exemplo, que garotos gays são recusados em certos quartos, passam por humilhações onde deveriam ser acolhidos e nada ocorre com os agressores, com os intolerantes", diz a aluna. "A Universidade precisa mudar isso pra já, porque além de tudo, isso afeta a nossa saúde mental e atrapalha a nossa vida pessoal, social e acadêmica."

Karen fala ainda sobre a atuação do coletivo dentro da Rural:

"O Pontes atua exatamente como uma ponte entre o aluno e as instâncias responsáveis pela universidade. Se preciso, iremos à Reitoria com o aluno se essa for a única maneira de resolver o problema, claro que não conseguimos extinguir o problema porque não depende só de nós, mas nós acolhemos esses alunos e damos todo o suporte necessário para o que quer que seja."

Apesar de a política de cotas ter aberto mais espaço e garantido oportunidades aos negros e negras do Brasil, o racismo é um preconceito presente nas universidades. Ma-

DIREITO A ACESSIBILIDADE: UM LONGO CAMINHO A PERCORRER

Grupo de alunos com necessidades específicas buscam inclusão dentro do espaço universitário

▶ Por Letícia Noda

Para muitos alunos, a locomoção dentro da Universidade é muito simples: você sobe e desce escadas, corre para pegar o ônibus, vai do P1 ao IV, do ICHS ao PAT, do PAT ao IZ... São atividades executadas de forma automática no dia a dia. Porém, para alguns alunos essas tarefas não são tão fáceis assim. Pode-se demorar o triplo do tempo para se locomover de um prédio ao outro, tornando este um trabalho árduo para aqueles que possuem a mobilidade reduzida devido à falta de adaptação na instituição.

Sendo considerado o primeiro Coletivo de Pessoas com Necessidades Específicas (PNE) possuindo documento fundador dentre as universidades públicas federais do Brasil, o Coletivo PNE da UFRRJ foi criado em junho de 2016, e surgiu da uma iniciativa de três alunos com deficiência, pela necessidade de uma política de inclusão dentro da Rural. Essa tem como objetivo contribuir com o diálogo entre aluno e Universidade, já que antes do grupo, as melhorias eram realizadas sem consultar as demandas e os maiores interessados.

Com o lema “Nada sobre nós, sem nós” os alunos PNE lutam por democracia dentro da Universidade. Para participar do Coletivo é preciso se autodeclarar portador de alguma necessidade específica, mas nada impede que outras pessoas ergam a bandeira e lutem com eles. As reuniões acontecem mensalmente para que novas demandas e projetos sejam debatidos, tendo duração média de 4 horas. O e-mail para contato é: pneufrrjcoletivo@gmail.com.

Leone Felipe cursa o nono período de Direito e é um dos fundadores e atual coordenador do Coletivo de Pessoas com Necessidades Específicas. Ele explica que o projeto tem como objetivo requerer também uma melhor acessibilidade pedagógica, já que ainda existe em sala de aula grande deficiência por parte de alguns professores para a integração desses alunos, mesmo existindo meios legais que garantem essa inclusão.



LETÍCIA NODA / ASS. COM. PROGRAM

Empatia. Roberto Jr. aprendeu Libras para auxiliar pessoas surdas em sua comunidade

“Nós queremos estar inseridos, incluídos, participativos, ativos e não entendemos que somos um problema. Não entendemos que a nossa presença na instituição faz a gente se tornar um problema, mas sim nossa participação efetiva faz a instituição se tornar mais democrática. Uma instituição com oxigenação de diversidade. A gente não quer privilégios, a gente quer direitos”, afirma Leone.

Ele conta também que existe uma demanda de alunos com necessidades específicas (NE) dentro da Universidade, e muitas vezes os professores não acompanham essa demanda. Para o coordenador do coletivo, é como se existisse um muro, um impedimento para que todo o trabalho de inclusão chegue às salas de aula. Leone acrescenta ainda que há uma incessante busca por diálogo, opções, parcerias privadas e meios que consigam investimentos para que os projetos de inclusão sejam elaborados e afirma que a Universidade tem se mostrado muito disposta a atender suas demandas.

Segundo dados publicados pelo último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estima-se que o Brasil possua 45 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência, o que constitui quase 24% da população brasileira. Já dentro da Universidade, o número aproximado de alunos autodeclarantes NE não passa de 40, dentre aproximadamente os 24 mil discentes que compõem a UFRRJ atualmente.

Roberto Junior é do primeiro período do curso de Jornalismo e monitor da disciplina de língua brasileira de sinais (libras). Ele sempre teve interesse pelo assunto. Sabia o básico e conheceu uma pessoa surda que o auxiliou a ampliar seu vocabulário em libras. Inicialmente, ele tinha como objetivo auxiliar as pessoas surdas que frequentavam sua igreja, interpretando os cultos, porém, hoje, já vê as libras com outra perspectiva. Ele conta que com a criação do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da UFRRJ (NAI-Rural), houve um crescimento no rendimento dos alunos NE com o início dos tutorias.

theus Nascimento é estudante de Geografia e membro do Núcleo Universitário Negro (NUN) da UFRRJ. Ele defende que a maior parte das vezes em que observou a intolerância racial dentro da universidade foi por fazerem piadas de mau gosto. Além disso, ele pontua a questão dos paradigmas da sociedade dentro do ambiente acadêmico:

“A universidade, apesar de tentar levantar esses debates, ela não tá fora do contexto social. Então, aqui não é uma bolha, a gente só é o espelho do que acontece na sociedade. Mesmo que tenha esses debates, eles não são amplos.”

Matheus defende a tentativa de diálogo como forma de combater essa discriminação, como fazem no NUN, promovendo debates, rodas de conversas e palestras, a fim de trocarem experiências e desenvolverem cada vez mais uma consciência de si. Ele acredita que essas discussões deveriam começar a partir da educação básica, pois isso resultaria não só na ampliação da consciência social, mas também no reconhecimento de cada um como indivíduo.

“Até entrar na faculdade eu nunca tinha me reconhecido como negro e era uma coisa que não era debatida, ninguém falava sobre isso, então não tinha porque eu pensar sobre”, comenta o jovem.

Dentro do âmbito universitário, a mulher é uma das que mais sofre com a intolerância. A não-aceitação pelo modo de vida e escolha de cada uma traduz um sentimento de abandono e exclusão causados pelos mais diversos tipos de agressões e abusos.

O movimento “Me Avisa Quando Chegar”, por exemplo, é um coletivo que surgiu no ano passado (2016) devido aos casos de abusos e estupros dentro e fora da Universidade. É um movimento suprapartidário auto-organizado pelas mulheres e tem diversas funções, como acolhimento de vítimas, reuniões com a Reitoria para cobrar mais segurança nos câmpus e intervenções. Qualquer mulher está convidada a fazer parte do movimento.

Duda Pedretti, estudante do curso de História, é uma das integrantes do movimento e explica como as mulheres da Rural se uniram para se auto protegerem.

“No “Me Avisa”, ajudamos e tentamos proteger umas as outras da forma que podemos. O nome já diz um pouco do que somos. Nos preocupamos com a segurança das mulheres, pois sabemos que somos “nós por nós”. Depois da sua criação, surgiram outros coletivos na universidade (Alice Bruno - Coletivo de Mulheres Negras, Coletivo de Mulheres de Floresta) e o movimento de mulheres da UFRRJ se fortificou”, diz Duda.

Dentro do conceito da intolerância contra a mulher na universidade tem-se o modelo de uma nova sociedade em que as mulheres podem se espelhar para legitimar seus percursos pelo espaço público, presenciando atos misóginos de intensa

força, já que partem do grupo próximo às estudantes, no qual elas precisam se inserir para transitar durante a sua formação.

Duda explica ainda como a questão da intolerância à mulher se aplica no câmpus:

“Assédio nos corredores dos alojamentos, nas salas de aula, nas festas, no spotted. Homens olhando nossos corpos com segundas intenções e nos culpando porque vamos às aulas de short curto, bebemos demais em festas ou pegamos carona. As mulheres negras, pobres e lésbicas sofrem de racismo, solidão, hiperssexualização dos nossos corpos, fetiches com casais lésbicos, agressões físicas, estupro corretivo (cura lésbica), além de todos que citei acima. Os homens têm vergonha de andar com mulheres “fora do padrão”. Eles usam e abusam de nós e saem impunes.”

A estudante lembra ainda, sobre um dos casos de maior repercussão contra a aluna Izadora Cezar:

“A Isadora Cezar, por exemplo, era uma mulher forte que foi morta pelo silenciamento e culpabilização da vítima. Se ela estivesse viva, com certeza estaria lutando conosco. Durante os atos podemos perceber alguns risos e olhares debochados por parte de alguns homens. Semana passada eles pintaram nossa intervenção feita nos corredores do alojamento masculino (de madrugada, porque eles são covardes e medrosos). A busca por justiça, por mais árdua que seja, se torna mais cansativa e estressante. #IsadoraPresente #MeAvisaQuandoChegar”. ■



ARQUIVO PESSOAL

Respeito. Matheus é estudante de geografia e membro do NUN

“Hoje, o NAI tem se desenvolvido muito, tem lutado com muitas coisas, tanto aqui (Câmpus Seropédica) quanto no Instituto Multidisciplinar. Alguns equipamentos já foram conquistados e algumas bolsas de tutoria disponibilizadas para que pessoas especializadas possam acompanhar esses alunos e os auxiliam nas atividades. A Universidade tem trabalhado pra fornecer ferramentas, mas é um trabalho muito recente e que tem sido muito embrionário”.

Roberto afirma que a Universidade também tem trabalhado para fazer a inclusão do aluno com necessidade específica por meio de bolsa auxílio. Para ele, esse apoio é fundamental para que esses alunos prossigam seus estudos, já que na maioria das vezes enfrentam dificuldades para conseguirem estágio e na locomoção até o local.

Em 2017-2 haverá na Rural, pela primeira vez, a política de cotas para deficientes, que visa ampliar o ingresso das pessoas NE às universidades. Leone compartilha seus sentimentos diante dessa conquista:



Inclusão. Uma vez por mês o Coletivo se reúne para debater novas pautas

“Eu fico muito feliz. Costumo dizer que minha maior alegria vai ser olhar pra Rural e ver a diversidade. As pessoas acham que diversidade é só questão de sexo, de gênero, e não, diversidade está em tudo, cada um tem suas particularidades e as necessidades específicas também.” ▪



PET INCLUSÃO TRAZ PROPOSTA DE INTERAGIR COM A COMUNIDADE LOCAL

► Por Allan Rabelo

O grupo do Programa de Educação Tutorial (PET) “Inclusão e Oportunidades na vida acadêmica de alunos de origem popular”, conhecido como “PET Inclusão”, é multidisciplinar com membros de diversos cursos. Isso traz maior pluralidade de ideias e visões ao grupo, mesmo que seja difícil conectar as diferentes áreas.

Atualmente, os participantes do PET Inclusão estão desenvolvendo dois projetos. Mickenson Jean Baptiste é estudante de economia e faz parte do ESP, o Empreendedorismo Social Plural, um projeto iniciado no ano passado e que trabalha a questão econômica e financeira da agricultura orgânica local.

O ESP, através da ação de sete membros, sendo cinco voluntários e dois do PET, oferece consultoria e trabalho que vão auxiliar a administração do negócio dos produtores orgânicos.

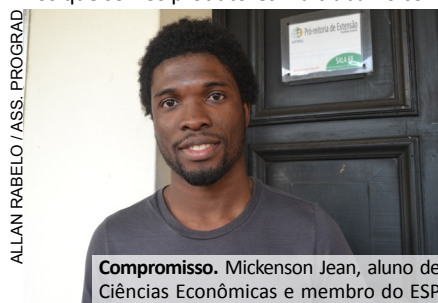
“A gente faz primeiro uma coleta de dados, para saber a realidade deles, o que eles estão enfrentando e o que sabem. É mais uma troca de conhecimento, porque eles passam muita coisa para nós na questão prática e a gente vem com essa análise e levantamento de dados”, diz Mickenson.

O ESP trabalha com um dos três grupos de agricultores orgânicos de Seropédica, o Raiz Forte, e atua em duas etapas: primeiro o trabalho contábil, ou seja, pegam dados e montam uma planilha que mostra as receitas, os custos e o lucro. Após isso, trabalham a questão econômica, em que trazem uma

formação de preços e estudo de mercado, margem e taxa de lucro. O objetivo principal é solidificar o negócio dos agricultores e fazer com que eles absorvam esse conhecimento, para que sozinhos, no futuro, consigam exercer essa administração financeira.

Flavio Gerson é um dos agricultores beneficiados do projeto. Um dos problemas que os produtores tinham, de acordo com Gerson, era saber o real custo de sua produção, porque seguiam uma política de preços de feira. Eles não tinham o valor real da mercadoria, nem o que estavam ganhando ou perdendo.

“Está chegando hoje uma nova era para nós que somos produtores. Eu trabalho com



Compromisso. Mickenson Jean, aluno de Ciências Econômicas e membro do ESP



Responsabilidade. Vanda Flausino cuida da horta, fruto da ação conjunta entre o PET e a escola

produção orgânica há 30 anos. Minha vida toda de produtor eu sempre produzi e vendi, mas o real valor disso tudo eu não tenho porque eu nunca anotei”, afirma Flavio.

Ele completa falando sobre a atuação do PET Inclusão, pois agora tem a oportunidade de começar a discutir essas questões e de poder observar melhor o campo de produção, os custos e o comércio:

“Se abre uma luz agora para que eu possa começar a ter um controle melhor do meu sítio, da minha produção, da minha área e do que eu faço. Eu acho que em um futuro muito breve eu vou ter uma organização muito melhor, até uma programação de produzir, ter uma visão para o comércio, o que o consumidor está pedindo hoje.”

O outro projeto desenvolvido pelo grupo PET Inclusão é o dos Jardins Medicinais, que funciona desde 2015 e estabelece uma ação direta com as escolas de Seropédica. É um projeto mais participativo e voltado para o viés prático. Ele busca a interação com os alunos e com os tipos de atividades que eles gostariam de desenvolver naquele espaço.

O grupo é composto por quatro pessoas. Estela Maia é aluna de Agronomia e membro



Diversidade. Simone Oliveira, Thiago Leandro e Estela Maia (esq. p/ dir.): membros do projeto de jardins medicinais

do projeto, ela fala um pouco sobre a proposta desenvolvida:

“As atividades não se perpassam apenas à construção de hortas e hortos, que é essa interação da terra e da natureza, mas sim dentro de uma interação dos elementos, daquilo que se pode utilizar as plantas para dentro do ensino educacional, principalmente do ensino médio.”

Eles realizaram, até hoje, mais de cinco oficinas dentro da comunidade escolar. Foram oferecidas oficinas de viveiros de mudas, reaproveitamento de resíduos, produção de shampoos e velas aromáticas, produção de sabão, entre outras. Algumas estão se repetindo com a interação dos pais de alunos, o que configura essa relação com os responsáveis e a comunidade local também.

Dentro da escola eles têm um trabalho ligado à animação cultural. A escola em que desenvolvem essa parceria é o Colégio Estadual Valdemar Raythe, localizado no Centro de Seropédica. No início, a demanda principal era a revitalização do espaço que eles possuíam no pátio, referente à horta que tinham e que fornecia produtos para o próprio consumo dos alunos. Essa ação só foi possível com a presença de Vanda Flausino, animadora cultural do local.

“Uma das coisas que me emocionou muito, é a questão da responsabilidade. Eles (os membros do PET) são muito comprometidos. Eu posso contar com eles. As oficinas são lindas e eles têm paciência para orientar os nossos alunos”, diz a animadora.

Vanda conta ainda que é muito importante essa presença dos alunos na horta, pois é um espaço que pode ser trabalhado diversos temas transversais que, além de oferecer conhecimentos de várias matérias, possibilita trabalhar a questão da ética, da cidadania, de como estamos cuidando do meio ambiente.

Vanda fala também sobre a importância da animação cultural nas escolas, ela diz que, mesmo que ainda precisem avançar, as coisas têm acontecido de uma maneira muito positiva.

“Humildemente, eu acho que as coisas têm acontecido, porque, normalmente, todos os trabalhos extras as pessoas procuram a animação cultural e a gente recebe, abraça e envolve o professor. Trabalhamos juntos com a sala de leitura, incentivando esses alunos a lerem, a fazerem poemas e poesias”, pontua ela.

Thiago Leandro é estudante de Engenharia Química e faz parte do projeto dos Jardins. Ele fala sobre a satisfação de poder participar disso e interagir com os alunos:

“E não foi só essa questão do aprendizado com a horta, mas o aprendizado na questão do ensino, de ter contato com a escola, com os alunos, passar o conhecimento sobre plantas e até de outras coisas que são importantes para os estudantes. Esse contato com a escola, alunos e professores é importante.” ▪

Ato contra a violência no Câmpus Seropédica e arredores

Aconteceu, em 15 de maio, um ato realizado do movimento “Me avisa quando chegar” em que estudantes protestaram contra a falta de segurança dentro da Universidade e nos seus arredores, após o registro de dois estupros no Câmpus Seropédica no início de maio. As vítimas teriam aceitado carona em frente ao Prédio Central e foram violentadas sexualmente. Os alunos protestaram dentro do Câmpus e na rodovia BR 465, estrada onde a Universidade está localizada.

A estudante do oitavo período do curso de Ciências Agrícolas Natasha dos Santos Rosa foi uma das organizadoras do evento e se sentiu satisfeita e esperançosa em relação ao movimento:

“Eu me sinto extremamente feliz por ver um evento tão bem estruturado. Nós esperávamos que tudo que a gente estava pautando na manifestação fosse ao menos compartilhado com uma amiga, e quando a manifestação começou, vimos que havia tomado uma proporção grandiosa.”

A Reitoria da UFRRJ divulgou que as medidas propostas serão tomadas, além da atuação direta no combate à violência dentro do Câmpus.

LETÍCIA NODA / ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DA PROGRAD



Aula Magna de Jornalismo gera debate sobre Direitos Humanos e minorias



ALLAN RABELO / ASS. COM. PROGRAD

“Direitos humanos são direitos de todas e todos nós”, foi assim que Jean Wyllys iniciou sua participação como palestrante na Aula Magna de Jornalismo. O evento ocorreu na em 22 de maio e foi organizado pela professora do curso de jornalismo Flora Daemon, em conjunto com todo o corpo docente do curso. Para o deputado federal, que também é jornalista, é justamente quando os direitos humanos estão ameaçados, quando as minorias não são reconhecidas ou estão aleijadas de direitos que os debates em torno dessas questões devem ser feitos, na universidade, nos movimentos sociais, nas associações de bairro, no parlamento.

A presença de Jean lotou o Salão Azul, auditório do Pavilhão Central do Câmpus Seropédica. Não somente os alunos do curso de Jornalismo, mas também estudantes de outras áreas da Universidade se viram muito interessados no debate proposto por Wyllys.

FELLIPE SOUSA / ASS. COMUNICAÇÃO DA PROGRAD

30ª edição da Semana do Médico Veterinário da UFRRJ

A 30ª Semana do Médico Veterinário teve início no dia 29 de maio. Após a cerimônia de abertura, que contou com a presença de diversas autoridades acadêmicas, ocorreu a palestra sobre Saúde Única (One Health) apresentada por David Soeiro, Mestre e Doutor em Epidemiologia e Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública. A Semev é o evento mais popular do curso de Medicina Veterinária da UFRRJ e contou com muitas outras atividades ao longo daquela semana. Esse ano foram chamados muitos palestrantes que abordaram diversos temas pertinentes como Homeopatia, Leishmaniose e o próprio mercado de trabalho. Os participantes também puderam participar de oficinas de cuidados para animais silvestres, equinos, bovinos, domésticos, etc.

